

## Vozes da prisão de Hohenschönhausen:

### testemunhos da opressão na República Democrática Alemã

Elcio Loureiro Cornelsen<sup>1</sup>

**Resumo:** Nossa contribuição visa a um estudo de relatos de testemunho sobre a repressão política na República Democrática Alemã, publicados na obra *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten* (2007; “Presos em Hohenschönhausen. Prisioneiros da Stasi relatam”), organizada por Hubertus Knabe. Embora o subtítulo *Stasi-Häftlinge berichten* (“Prisioneiros da Stasi relatam”) sinalize para o leitor de que estaríamos diante de relatos *stricto sensu*, a leitura revela outro quadro, em que nos deparamos também com outros tipos textuais, não apenas relatos, como diários ou mesmo textos ficcionais, sendo que vários deles foram adequados à publicação em termos de tamanho e, portanto, revelam-se fragmentários. A leitura dos 24 textos que compõem o livro *Gefangen in Hohenschönhausen* nos permitiu sistematizá-los a partir de sete aspectos que, em certa medida, nos pareceram recorrentes: chegada; descrição; condições; interrogatório; tortura; cela; reflexão. As marcações textuais passam pela questão da autoria e da construção do foco narrativo, em que aquele que esteve preso se instaura como um “eu” (*ich*) ao falar de si e da carga psicológica a qual fora exposto, mas que às vezes muda para a primeira pessoa do plural “nós” (*wir*) ao narrar sobre algo da ordem do coletivo dentro da prisão, e também para a terceira pessoa do singular (*er, es, sie*), ao simular objetividade em descrições ou mesmo ao narrar sobre terceiros. Cabe lembrar que os 24 textos contam com um elemento paratextual que informa o leitor sobre cada autor, logo abaixo do título do texto, em texto destacado em itálico: nome; ano de nascimento e, se for o caso, de falecimento; idade no momento da detenção; profissão; motivo alegado para a detenção; período em que esteve recluso na prisão de Hohenschönhausen. Através do estudo de textos memorialísticos e autobiográficos, cujos autores, na maioria, perseguidos e ex-presos políticos, relatam sobre suas vivências sob o regime totalitário do SED – *Sozialistische Einheitspartei Deutschlands* (Partido Socialista Unitário da Alemanha), pudemos vislumbrar as diversas formas e fases da violência praticada pelo Estado contra possíveis dissidentes políticos na República Democrática Alemã.

**Palavras-chave:** *Gefangen in Hohenschönhausen*; Hubertus Knabe; testemunho; literatura de cárcere; República Democrática Alemã.

**Zusammenfassung:** Unser Beitrag widmet sich einer Studie über die Zeugnisberichte von der politischen Unterdrückung in der Deutschen Demokratischen Republik, die im Buch *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten* veröffentlicht wurden, dessen Herausgeber Hubertus Knabe ist. Obwohl der Untertitel „Stasi-Häftlinge berichten“ für den Leser signalisiert, dass es um Berichte darin geht, trifft man auch andere Textsorten, nicht nur Zeugnisberichte, sondern auch Tagebücher oder sogar fiktionale Texte, wobei viele an der Veröffentlichung angepasst wurden, was die Länge besagt, und deshalb fragmentarisch sind. Die Lektüre der 24 Texte, die im Buch *Gefangen in Hohenschönhausen* veröffentlicht wurden, erlaubten uns deren Systematisierung in sieben spezifischen Kategorien, die sich gewisserweise ständig wiederholten: Ankunft; Beschreibung; Umstände; Verhör; Folter; Zelle; Nachdenken. Die Textmarkierungen hängen sowohl von der Autorschaft als auch von der Erzählperspektive ab, indem derjenige, der inhaftiert war, in ein Ich-Erzähler beim Reden von sich selbst und vom psychologischen Ballast investiert, dem er ausgesetzt wurde. Manchmal ändert sich die

<sup>1</sup> Doutor em Literatura Moderna Alemã (Neuere Deutsche Literatur) pela Freie Universität Berlin (1999); Professor Associado IV da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais; Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. cornelsen@letras.ufmg.br

Erzählperspektive vom Ich- zum Wir-Erzähler beim Bericht über etwas Kollektives innerhalb des Gefängnisses, wie auch zum Er-, Sie oder Es-Erzähler bei der anscheinenden Objektivierung in Beschreibungen oder sogar beim Erzählen über Dritten. Es soll daran erinnert werden, dass die 24 Texte ein paratextuelles Element haben, das den Leser über jeden Autor informiert und gleich nach dem Titel des Textes auf hervorgehobene Weise vorkommt: Name; Geburtsjahr; gegebenfalls Todesjahr; Jahresalter bei der Inhaftierung; Beruf; behauptete Begründung zur Inhaftierung; Inhaftierungszeitraum in Hohenschönhausen. Durch die Studie über die erinnerungsorientierten und selbstbiographischen Texte, dessen Autoren, in ihrer Mehrheit politisch Verfolgte und ehemalige Gefangene, über ihre Erlebnisse unter dem Joch des totalitären Regimes der SED – Sozialistische Einheitspartei Deutschlands berichten, konnten die verschiedenen Arten und Phasen der Unterdrückung und Gewalt festgestellt werden, die im jenen Staat gegen mutmasslich politische Andersdenkende verübt wurden.

**Schlüsselwörter:** *Gefangen in Hohenschönhausen*; Hubertus Knabe; Zeugnis; Gefangenenliteratur; Deutsche Demokratische Republik.

## 1. Introdução

Há exatos 30 anos, em 09 de novembro de 1998, iniciava-se um processo que modificaria o contexto geopolítico europeu e mundial: a Queda do Muro de Berlim seria não só o marco inicial da chamada *Wende* (“guinada”, “virada”), que conduziria a Alemanha a sua reunificação política, formalizada em 03 de outubro de 1990, como também imporia um rearranjo de forças para uma fase pós-Guerra Fria. Até os dias de hoje, sente-se as reverberações de tal acontecimento.

Em decorrência desse fato, que acarretou o fim da República Democrática Alemã e a conseqüente integração dos “novos Estados” à jurisprudência constitucional da República Federal da Alemanha, passou-se a vislumbrar o passado no “Estado de Operários e Camponeses” (*Arbeiter- und Bauernstaat*, no jargão oficial). Sem dúvida, para além da questão geopolítica, a Reunificação Alemã representou também uma “renegociação” identitária, que superasse as cisões expressas em termos como *Wessis* (ocidentais) e *Ossis* (orientais), de acordo com aspectos geográficos, ou mesmo em termos pejorativos como *Besserwessis* (ocidentais sabichões) ou *Jammerossis* (orientais lamuriosos) (JÜRGS; ELIS, 2006). Não é por acaso que, nas décadas seguintes, o “muro mental” sobreviveu ao muro de concreto que, aliás, também era designado, de acordo com os sentidos geográficos e ideológicos, como *Schandmauer* (muro da vergonha) e *antifaschistischer Schutzwall* (parede de proteção antifascista). E tal “muro mental” é resultado de décadas de divisão e de desenvolvimento com estruturas sociais, econômicas e políticas diversas.

Nesse sentido, não surpreende que tenham surgido entre os ex-cidadãos da RDA sentimentos opostos em relação ao passado em seu antigo país: de um lado, ventos

nostálgicos passaram a soprar, à medida que as expectativas criadas em torno da Reunificação Alemã não se concretizaram na prática, gerando um fenômeno que passou a ser designado de *Ostalgie*, uma nostalgia pelo lado oriental; de outro lado, vozes silenciadas por décadas de controle e repressão de Estado procuraram se fazer ouvir, evidenciando “memórias subterrâneas” (POLLAK, 1989, p. 5), que, de acordo com Michael Pollak, são aquelas pautadas por “lembranças traumatizantes, lembranças que esperam o momento propício para serem expressas” (POLLAK, 1989, p. 5).

Nossa contribuição visa a trazer essas vozes “antiostálgicas”. Para isso, tomamos por base a obra *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten* (2007; Presos em Hohenschönhausen. Prisioneiros da Stasi relatam), organizada por Hubertus Knabe.

Em termos metodológicos, realizamos a leitura e a análise dos 24 relatos que compõem a obra *Gefangen in Hohenschönhausen* e adotamos como fundamentação teórica o Testemunho na tradição anglosaxã e germânica, em que conceitos como “trauma” (*Trauma*), “testemunha” (*Zeugnis*), “sobrevivente” (*Überlebende*) etc. são centrais. Sem dúvida, pensadores como Giorgio Agamben, em *O que resta de Auschwitz*, contribuíram para se pensar o sobrevivente de eventos traumáticos, marcados por atos de violência, em toda sua complexidade, tanto como *testis* (a testemunha ocular que presencia o ato), quanto como *superstes* (aquele sobre o qual recai a violência e, portanto, que é atravessado pela dor) (AGAMBEN, 2008). A seguir, apresentaremos os procedimentos de pesquisa e alguns exemplos de relatos de ex-presos políticos da RDA.

## 2. Os relatos de presos de Hohenschönhausen: um estudo

Conforme mencionado anteriormente, a obra *Gefangen in Hohenschönhausen* é composta por 24 relatos de ex-presos políticos, cujo tamanho gira em torno de 10 a 20 páginas cada um. Além disso, embora o subtítulo *Stasi-Häftlinge berichten* (“Prisioneiros da Stasi relatam”) sinalize para o leitor de que estaríamos diante de relatos *stricto sensu*, impressão reforçada também pela frase *Erschütternde Zeugnisse von den Opfern eines Unrechtsregimes* (“Testemunhos comoventes de vítimas de um sistema de injustiça”) na contra-capá (KNABE, 2007), a leitura revela outro quadro, em que nos deparamos também com outros tipos textuais, não apenas relatos, como diários ou mesmo textos ficcionais, sendo que vários deles foram adequados à publicação em termos de tamanho e revelam-se fragmentários.

Não obstante o fato de reconhecer que, via de regra, se trata de textos documentais, escritos por ex-presos de Hohenschönhausen somente após sua libertação, Hubertus Knabe chama à atenção, no prefácio, para o fato de que dois ex-presos, os escritores Jürgen Fuchs e Klaus Kordon, optaram por apresentar suas vivências traumáticas em forma de ficção (KNABE, 2007, p. 18-19). Podemos incluir, ainda, o texto de Matthias Melster por seu caráter ficcional. A seguir, a título de exemplo, apresentaremos detalhes sobre nossa análise da referida obra, embora não possamos, no espaço do presente artigo, apresentar nossas observações referentes a cada um dos textos, isoladamente.

A leitura textos nos permitiu sistematizá-los a partir de sete aspectos que, em certa medida, nos pareceram recorrentes: chegada; descrição; condições; interrogatório; tortura; cela; reflexão.

Quadro de Sistematização Temática

OS ANOS 40							
Nome	chegada	descrição	condições	interrogat.	tortura	cela	reflexão
Walter Pritzkow	X		X		X		
Heinrich George			X				
Heinz-Joachim Schmidtchen		X					
Ewald Ernst	X	X	X	X	X	X	X
Hermann Becker		X	X	X	X	X	
Arno Wend	X	X	X	X	X	X	X
Dieter Rieke	X	X	X	X	X	X	X
OS ANOS 50							
Nome	chegada	descrição	condições	interrogat.	tortura	cela	reflexão
Kurt Müller		X	X	X	X	X	X
Erica Wallach		X	X	X	X	X	X
Fritz Sperling	X	X	X	X	X	X	X
Horst Fichter	X	X	X	X	X	X	X
Karl Wilhelm Fricke		X	X	X	X	X	
Walter Janka	X	X	X	X	X	X	X
Hans-Eberhard Zahn	X	X	X			X	X

OS ANOS 60							
Nome	chegada	descrição	condições	interrogat.	tortura	cela	reflexão
Dieter Borkowski		X	X	X		X	X
Klaus Schulz-Ladegast	X	X	X	X		X	X
Wolfgang Kockrow	X	X	X			X	X
Sigrid Paul	X	X	X	X	X	X	X
OS ANOS 70							
Nome	chegada	descrição	condições	interrogat.	tortura	cela	reflexão
Klaus Kordon		X	X	X	X	X	X
Jürgen Fuchs	X	X	X	X		X	X
OS ANOS 80							
Nome	chegada	descrição	condições	interrogat.	tortura	cela	reflexão
Waltraud Krüger	X	X	X	X		X	X
Vera Lengsfeld	X	X	X	X		X	X
Freya Klier	X		X	X			X
Matthias Meister			X			X	X

Através da sistematização dos aspectos recorrente pudemos chegar a várias conclusões com relação ao modo como tais aspectos se estabelecem nos diversos textos, seja pela incidência com que ocorrem, seja pela variedade que pode ser detectada na avaliação dos relatos a partir da distribuição dos textos em décadas, conforme eles foram organizados por Hubertus Knabe no livro.

A chegada à prisão de Hohenschönhausen aparece como um dos temas em 15 dos 24 textos analisados. Para muitos, a chegada marcou o momento não só do primeiro contato com o sistema carcerário da RDA, como também das primeiras humilhações, como podemos identificar na seguinte passagem do *Tagebuch einer Haft* (“Diário de uma prisão”), de Freya Klier, anotada em 25 de janeiro de 1988:

No Lada claro, entre os agentes, através do trânsito matutino das pessoas indo para o trabalho, construo uma grade em torno de mim. Na cela de triagem o já há muito conhecido – despir tudo, entregar tudo, deixar que olhem em seu ânus. Humilhações que, certamente, ainda sobreviverão ao século. Quando me entregam um agasalho de treino e meias brancas até o joelho, me recuso a vestir essas coisas e reclamo da ordem prisional. A funcionária da Stasi reage em um tom estridente, eu permaneço irredutível. Ela deixa o recinto. Quando ela

volta, me autoriza a vestir novamente minhas próprias coisas, com exceção da meia-calça (KLIER, 2007, p. 335<sup>2</sup>).

Como podemos observar, a chegada à prisão e à “cela de triagem” (*Effektenkammer*<sup>3</sup>) marcam o momento em que a pessoa é expropriada de sua liberdade e dos traços de sua vida cotidiana, e lhe é imposta toda uma ordem do sistema carcerário que regia o universo de Hohenschönhausen. As primeiras humilhações no contexto da chegada à prisão, para muitos, não se traduziam em palavras de maneira plena. No caso de Freya Klier, notamos que o processo de retirada de suas roupas e de revista corporal é reduzido a expressões que não se articulam como frases desenvolvidas e detalhadas. Além disso, o tempo verbal é o tempo presente, em parte por se tratar de um texto que se estrutura como um diário, composto de nove apontamentos referentes ao período de 25 de janeiro a 02 de fevereiro de 1988, período esse em que Freya Klier esteve detida, e em parte por produzir um efeito de presentificação da vivência traumática daqueles dias passados na prisão.

Por sua vez, a estratégia narrativa de descrição é outro aspecto recorrente, com uma ocorrência que atinge 20 dos 24 textos analisados. Em geral, é o momento em que o preso suspende a narrativa de si, em primeira pessoa, para uma narrativa em terceira pessoa, onde espaços e pessoas são descritos, muitas vezes, com detalhes: corredores, celas, salas de interrogatório, espaços reservados para o banho de sol, mas também outros presos, carcereiros, agentes, oficiais que conduziam os interrogatórios, advogados, promotores, juízes etc. A título de exemplo, citamos a seguir uma passagem do relato *Im Karzer* (“No cárcere”), de Hermann Becker:

Ao todo, em janeiro [de 1949], estive 23 dias no cárcere. Primeiramente, fui conduzido a uma cela bem estreita, que não media mais do que um metro de largura e, seguramente, não mais do que dois metros de comprimento. Na parede de trás encontrava-se uma

<sup>2</sup> *Im hellen Lada, zwischen den Organen durch den morgendlichen Berufsverkehr errichte ich ein Gitter um mich. In der Effektenkammer das Altbekannte – alles ausziehen, alles abgeben, sich ins Arschloch gucken lassen. Demütigungen, die wohl noch das Jahrhundert überdauern werden. Als mir ein blauer Trainingsanzug und weiße Kniestrümpfe gereicht werden, weigere ich mich, die Sachen anzuziehen, und poche auf die Anstaltsordnung. Die Stasi-Beamtin bekommt einen schrillen Ton, ich werde störrisch. Sie verläßt den Raum. Als sie zurückkommt, darf ich mit Ausnahme der Strumpfhosen meine Privatsachen wieder anziehen. [minha tradução]*

<sup>3</sup> Optamos por traduzir o termo *Effektenkammer* por “cela de triagem”, ao invés de “câmara de efeitos” ou mesmo “câmara de haveres”, expressões que não fariam sentido em português. Tratava-se, exatamente, do primeiro espaço de confinamento em Hohenschönhausen: antes de ser conduzido à cela, todo preso passava por uma cela de triagem, gradeada, na qual lhe eram tirados seus pertences, onde também se fazia a revista do corpo, após o preso se despir, e este recebia, então, novas roupas, em geral, agasalhos do tipo esportivo (cf. ERLER, 2008, p. 61).

tábua estreita para se sentar, fora isso não havia nada mais além do chão de cimento e das paredes nuas, nenhum catre e também nenhum balde para servir de latrina. Na porta da cela, havia o costureiro visor. Esse cárcere se encontrava ainda no andar das celas. Fiquei aqui algumas horas, e então fui levado para outro cárcere (BECKER, 2007, p. 73<sup>4</sup>).

O terceiro aspecto que nos pareceu recorrente nos relatos analisados diz respeito às condições de higiene, alimentação, locomoção, isolamento, enfim, de confinamento na prisão, que foram tema de 23 dos 24 textos. No relato *Das Verhör* (“O interrogatório”), de Arno Wend, encontramos a seguinte passagem, na qual são apresentadas as péssimas condições numa cela sem ventilação:

Eu cheguei à primeira cela interna, a qual não tinha nenhuma janela e nenhum respiradouro. O ar no recinto estava totalmente viciado e acrescido de gases clorídricos. Esse gás se formava através do lançamento de cloro no balde que servia como latrina. A cela era frequentemente ocupada por quatro ou mais prisioneiros. Devido à falta do respiradouro formava-se água em condensação no teto da cela, que pingava o dia todo. O catre de madeira, sem qualquer cobertura, estava constantemente úmido. Do mesmo modo que as vestes, as quais se decompunham sob o efeito da umidade e dos gases clorídricos (WEND, 2007, p. 79<sup>5</sup>).

Antes de prosseguirmos, devemos ressaltar que, nos últimos dois exemplos, trata-se de relatos de ex-presos políticos – Hermann Becker e Arno Wend – que estiveram detidos em Hohenschönhausen, nos anos 1940, ainda sob administração soviética do NKWD.

Já o quarto aspecto recorrente nos relatos diz respeito aos interrogatórios aos quais os presos eram submetidos em condições desumanas, por horas a fio, sem pausa para alimentação e descanso. Além de representarem o momento em que o preso descobria as alegações por parte do Estado para sua detenção, os interrogatórios

---

<sup>4</sup> [...] Insgesamt war ich im Januar [1949] 23 Tage im Karzer. Zunächst kam ich in eine ganz schmale Zelle, die etwas über einen Meter breit und sicher nicht viel länger als zwei Meter war. An der Rückwand befand sich ein schmales Brett zum Sitzen, sonst war nichts da als Zementboden und die kahlen Wände, keine Pritsche und auch kein Kübel. In der Zellentür war das übliche Guckloch. Dieser Karzer befand sich noch in dem Zellengeschoß. Hier blieb ich einige Stunden, dann wurde ich in einen anderen Karzer gebracht. [minha tradução]

<sup>5</sup> Ich kam in die erste innere Zelle, die kein Fenster und keine Belüftung hatte. Die Luft im Raum war vollkommen verbraucht und durch Chlorgase angereichert. Dieses Gas entwickelte sich durch die Einstreuung von Chlor in die Kübel. Die Zelle war ständig mit vier oder mehr Häftlingen belegt. Durch die fehlende Belüftung bildete sich an der Zellendecke Kondenswasser, das den ganzen Tag über abtropfte. Die Holzpritsche, ohne jeden Belag, war laufend naß. Ebenso die Bekleidung, die unter Einwirkung der Nässe und der Chlorgase langsam zerfiel. [minha tradução]

aparecem em vários relatos não apenas como parte do cotidiano da prisão de Hohenschönhausen – uma *Untersuchungshaft*, “prisão de averiguação” –, mas também como momentos em que o preso era submetido a torturas psicológicas, seja por meio de ameaças e intimidações, seja pelo modo de tratamento que levava o preso, após longas horas, à exaustão, como é o caso da seguinte passagem do relato *Im Haftkrankenhaus* (“No hospital da prisão”), de Waltraud Krüger:

[...] Nem todos conseguiam suportar os interrogatórios brutais do Serviço de Segurança de Estado. No caso de meu marido também pensei que, um dia, ele assinaria. Eu tive de ter claro para mim que eu prejudicaria minha família, caso eu prosseguisse com a minha greve de fome. Passou o dia 17 de junho. Física e mentalmente eu me tornei um trapo. Sob o efeito das drogas e da adaptação permanente não havia restado muito de mim. Eu fui colocada todo dia sobre uma balança. Agora eu ainda pesava apenas 42 kg (KRÜGER, 2007. p. 314<sup>6</sup>).

Em decorrência dos interrogatórios aos quais fora submetida e dos medicamentos prescritos por um psiquiatra durante o período em que esteve no hospital da prisão de Hohenschönhausen, Waltraud Krüger teve a mente e o corpo debilitados. Aliás, o “motivo” para a sua detenção no período de 09 de junho a 14 de julho de 1980 foi o fato de Waltraud Krüger ter requerido, várias vezes, o direito de viajar para fora da RDA. Ela, o marido e a filha de quinze anos foram presos, e algo que fica implícito na passagem citada, o temor de que o marido “assinasse” algum documento, se refere justamente a uma declaração oficial de que eles não teriam intenção de se transferir para a Alemanha Ocidental e que permaneceriam na RDA, cuja assinatura foi exigida insistentemente pelos agentes da Stasi durante os interrogatórios.

Em termos da enunciação, podemos considerar que, *a posteriori*, ou seja, levando em consideração o distanciamento temporal e o estado atual em que não se encontrava mais sob o efeito de drogas ou mesmo da exaustão prolongada pelos interrogatórios frequentes, Waltraud Krüger conseguiu formular de modo coerente suas vivências traumáticas durante o período de prisão em Hohenschönhausen.

---

<sup>6</sup> [...] Den brutalen Verhören der Staatssicherheit war nicht jeder gewachsen. Auch bei meinem Mann rechnete ich eines Tages mit der Unterschrift. Ich mußte mir klar darüber werden, daß ich meiner Familie schadete, wenn ich meinen Hungerstreik fortsetzte. Der 17. Juni war vorbei. Körperlich und seelisch war ich zum Wrack geworden. Unter den Drogen und der ständigen Anpassung war nicht viel von mir übriggeblieben. Ich wurde täglich auf eine Waage gestellt. Jetzt wog ich nur noch 42 Kilo. [minha tradução]



Com relação ao tema “tortura”, recorrente nos textos que compõem a coletânea *Gefangen in Hohenschönhausen*, podemos extrair algumas conclusões a partir do quadro: em primeiro lugar, constata-se uma ocorrência do referido tema em 13 dos 24 textos analisados; em segundo lugar, nota-se que 11 das 13 ocorrências aparecem em relatos de ex-presos que passaram pela prisão nas décadas de 1940 e 1950.

Isso nos leva a concluir que, sobretudo nas décadas de 1940, ainda sob administração soviética do NKWD – “Comissariado Popular para Assuntos Internos” –, e de 1950, já sob administração do MfS – *Ministerium für Staatssicherheit* (“Ministério de Segurança do Estado”) – a partir de 1951 com o *Staatssicherheitsdienst* (“Serviço de Segurança do Estado”, a “Stasi”), as práticas de tortura – inclusive física – eram mais comuns em Hohenschönhausen. Como bem aponta Hubertus Knabe no prefácio à obra *Gefangen in Hohenschönhausen*, predominavam nas primeiras duas décadas a violência física e a privação do sono como técnicas de tortura, enquanto que, a partir da década de 1960, tais “técnicas” foram substituídas por métodos psicológicos de tortura, inclusive pesquisados e ensinados na Academia do Serviço de Segurança do Estado em Potsdam, nos arredores de Berlim (KNABE, 2007, p. 13). Aliás, isso nos faz lembrar a cena inicial do filme *Das Leben der Anderen* (2006; *A vida dos outros*), de Florian Henckel von Donnersmarck, na qual ocorre uma apresentação simultânea de um interrogatório em Hohenschönhausen, intercalado por uma aula na referida “Academia”, na qual o professor e capitão da Stasi Gerd Wiesler procura transmitir a seus “alunos”, aspirantes a agentes, os métodos psicológicos de tortura.

A título de exemplo do tratamento do tema “tortura” em textos publicados na coletânea *Gefangen in Hohenschönhausen*, selecionamos passagens de dois textos referentes a detenções em décadas diferentes. No primeiro deles, *Opfere Dich für die Partei!* (“Sacrifique-se pelo partido!”), Fritz Sperling relata sobre torturas sofridas ainda no período em que a prisão já era administrada pelo NKWD, em 1951:

Sim, eu também fui espancado (por algum tempo). Eu fui agredido com socos, fui espancado com uma régua tetra de aço. Durante a tomada de um depoimento, fui colocado em uma mesa. O chefe do grupo de interrogadores soviéticos, que estava sentado ao meu lado, agrediu-me com a mão espalmada, em curtos intervalos, na região do coração doente, apesar de que ele sabia que eu havia tido por duas vezes um enfarte. Essa tortura durou por volta de duas horas. Na mesma noite, me golpearam nas tíbias, me espancaram com socos na cabeça, e me arrancaram cabelos. Durante outro interrogatório, conduzido sem testemunhas, quebraram meus óculos. A armação de

platina foi roubada. Durante outros interrogatórios isolados eu tive de ficar de pé por horas a fio. As mãos eram mantidas algemadas junto às costas, e eu tive de voltar o rosto para a parede. Sempre fui conduzido algemado aos interrogatórios no período de 1951 a 1952, apesar de que não havia nem possibilidade nem intenção de fuga (SPERLING, 2007, p. 149-150<sup>7</sup>).

Notamos que essa passagem do relato de Fritz Sperling, ex-presidente do Partido Comunista da Alemanha na Alemanha Ocidental, que esteve preso em Hohenschönhausen no período de fevereiro de 1951 a outubro de 1953 (SPERLING, 2007, p. 147), se constrói como um depoimento distanciado no tempo, sem que haja uma presentificação das cenas de tortura, pois o tempo de narração é sempre o pretérito.

O segundo exemplo do tratamento do tema “tortura” foi extraído do relato *Mauer durchs Herz* (“Muro através do coração”), de Sigrid Paul, no qual, diferentemente do exemplo anterior, em que Fritz Sperling relata sobre torturas físicas sofridas durante o período de confinamento, aparece outro “método”: a privação de sono:

Nos primeiros catorze dias, como quase todos os prisioneiros políticos de minha época, fui submetida a uma permanente privação de sono. Isso significava que, também durante a madrugada, a luz permanecia acesa direto. A cada dez minutos uma sentinela fazia o controle olhando pelo visor. Essa privação de sono levou necessariamente ao enfraquecimento da concentração, e foi justamente isso que os interrogadores haviam tido em mente. Eu também senti após alguns dias, muito nitidamente, que eu não me opunha mais ao conteúdo dos protocolos de depoimento e assinava tudo o que fosse colocado na minha frente (PAUL, 2007, p. 239<sup>8</sup>).

<sup>7</sup> *Ja, ich wurde auch geschlagen (zeitweilig). Ich wurde mit Fäusten geschlagen, ich wurde mit einem Vierkantenlineal aus Stahl geschlagen. Bei einer Vernehmung wurde ich an den Tisch gesetzt. Der Chef der sowjetischen Vernehmerbrigade, welcher neben mir saß, schlug mir mit der flachen Hand in kurzen Intervallen an das kranke Herz, obwohl er wußte, daß ich zweimal einen Herzinfarkt hatte. Diese Tortur dauerte etwa zwei Stunden. In derselben Nacht wurde mir gegen Schienbeine getreten, mit den Fäusten auf den Kopf geschlagen, und es wurden mir Haare ausgerissen. Bei einer anderen Vernehmung, die ohne Zeugen durchgeführt wurde, wurde mir die Brille zerschlagen. Die Platinfassung der Brille wurde gestohlen. Bei anderen Einzelvernehmungen mußte ich stundenlang stehen. Die Hände waren mit Handschellen auf dem Rücken gefesselt, und ich mußte das Gesicht zur Wand drehen. Zu den Vernehmungen wurde ich im Jahre 1951 bis 1952 überhaupt nur gefesselt geführt, obwohl keinerlei Flugmöglichkeit und keine Fluchtabsicht bestanden. [minha tradução]*

<sup>8</sup> *In den ersten vierzehn Tagen war ich, wie fast alle politischen Häftlinge zu meiner Zeit, einem permanenten Schlafentzug ausgesetzt. Das bedeutete, daß auch in der Nacht das Licht durchgehend an war. Circa alle zehn Minuten schaute ein Posten zur Kontrolle durch den Spion. Dieser Schlafentzug führte unweigerlich zu Konzentrationsschwäche, und auf die hatten es die Vernehmer abgesehen. Auch ich spürte nach einigen Tagen sehr deutlich, daß meine Kräfte nachließen. Am Ende war ich so ausgelaugt, daß ich mich dem Inhalt der Vernehmungsprotokolle nicht mehr widerstetzte und alles unterschrieb, was mir vorgelegt wurde. [minha tradução]*

De maneira semelhante ao relato de Fritz Sperling, o relato de Sigrid Paul, detida em Hohenschönhausen no período de março a agosto de 1963 e, novamente, de outubro de 1963 a agosto de 1964, sob a acusação de “cumplicidade na fuga da República” (*Beihilfe zur Republikflucht*) (PAUL, 2007, p. 239), é narrado no pretérito, sem a presentificação da tortura, da mesma forma, a partir de um depoimento distanciado no tempo.

Por sua vez, o penúltimo aspecto diz respeito às reflexões ou descrições de celas, traços recorrentes em vários relatos que compõem a obra *Gefangen in Hohenschönhausen*, com ocorrências em 20 dos 24 textos analisados. Enquanto espaço de confinamento e isolamento, na maioria das vezes, individual, no caso da prisão de Hohenschönhausen, onde, em geral, se evitava o contato entre prisioneiros, a cela se tornava também espaço a partir do qual se refletia sobre a própria vivência traumática na prisão. A título de exemplo, selecionamos uma passagem do relato *Ein Schachspiel mit ungleichen Figuren* (“Um jogo de xadrez com peças assimétricas”), de Klaus Schulz-Ladegast:

[...] Equipado dessa maneira, fui trancado em uma cela. Pela primeira vez eu ouvi esse aferrolhar e fechar, essa dupla garantia de estar fechado à chave, esse encarceramento, que é mais uma exclusão: Você está excluído da vida. [...] (SCHULZ-LADEGAST, 2007, p. 218<sup>9</sup>)

Conforme podemos constatar pela passagem citada do texto de Klaus Schulz-Ladegast, preso aos 20 anos de idade sob acusação de “espionagem” (*Spionage*), detido em Hohenschönhausen no período de agosto a novembro de 1961 (SCHULZ-LADEGAST, 2007, p. 216), a cela e o fato de nela estar encerrado significam, dentro do complexo carcerário, o espaço diminuto de exclusão, em que o autor considera a privação de liberdade como uma exclusão da própria vida.

Essa relação com o espaço de confinamento em uma cela é tratada, de maneira paradoxal, numa passagem do relato *Ein Grab voller Erinnerungen* (“Uma cova repleta de recordações”), de Erica Wallach:

Quando ficava cada vez mais e mais frio – só havia aquecimento nos corredores –, mesmo os mais intensos exercícios físicos, que naturalmente eram proibidos, não podiam me aquecer. Mas eu amava

<sup>9</sup> [...] So ausgestattet wurde ich in eine Zelle geschlossen. Zum ersten Mal hörte ich dieses Verriegeln und Einschließen, diese verdoppelte Versicherung des Verschlussenseins, dieses Einsperren, das mehr ein Aussperren ist: Du bist ausgesperrt vom Leben. [...] [minha tradução]

o meu lar, e quando, por motivos desconhecidos, eu fui transferida por alguns dias para uma cela maior e iluminada, de cujas janelas o céu azul olhava para dentro, eu me senti arruinada; eu não podia suportar mais o céu azul e o ar puro da liberdade, fui acometida de um terrível lumbago e só me revigorei quando me trouxeram de volta ao meu amado porto seguro – a cela número 61 (WALLACH, 2007, p. 135<sup>10</sup>).

O paradoxo dessa cena se situa no fato de que Erica Wallach (1922-1993), filha adotiva de Noel Field, cidadão norte-americano que fora preso como “agente” (*Agent*), e que, em decorrência disso, estivera detida em Hohenschönhausen no período de agosto de 1951 a setembro de 1952 (WALLACH, 2007, p. 130), chama de “meu lar” a cela diminuta, sem contato externo, nem mesmo com a natureza. Com isso, ela potencializa o estado de ânimo na prisão, tal o nível de desumanização a que fora submetida. Não é por acaso que o título de seu relato seja *Ein Grab voller Erinnerungen*, pois é como se a cela 61, ao mesmo tempo, fosse o “lar” e a “sepultura”, da qual, anos mais tarde, ela tenta dar conta através da memória.

Por fim, o último aspecto recorrente nos relatos que compõem a obra *Gefangen in Hohenschönhausen* diz respeito ao modo como vários de seus autores apresentam reflexões e digressões ao longo dos textos enquanto estratégias narrativas. A título de exemplo, elegemos uma passagem do relato *Das Kellergefängnis* (“A prisão nos porões”), de Walter Janka (1914-1994), diretor da Editora *Aufbau* (“Construção”), de Berlim Oriental, que esteve preso em Hohenschönhausen no período de dezembro de 1956 a julho de 1957 (JANKA, 2007, p. 174):

Quem ainda não percorreu o caminho através de porões como esses, não consegue imaginar os prejuízos psíquicos, aos quais os prisioneiros estão submetidos, antes de serem envolvidos na dissimulação dos interrogadores. A gente precisa tê-lo percorrido, a fim de entender porque os prisioneiros, quase sempre, prestam declarações. A maioria faz isso imediatamente ou após poucos dias (JANKA, 2007, p. 177-178<sup>11</sup>).

<sup>10</sup> *Wenn es kälter und kälter wurde – Heizung gab es nur auf den Gängen –, konnten mich selbst die wildesten Turnübungen, die natürlich verboten waren, nicht erwärmen. Aber ich liebte mein Heim, und als ich aus unbekanntem Gründen für ein paar Tage in eine große, helle Zelle verlegt wurde, durch deren Fenster der blaue Himmel hereinschaute, kam ich völlig herunter; ich konnte den blauen Himmel und die frische Luft der Freiheit nicht mehr ertragen, bekam einen scheußlichen Hexenschuß und lebte erst wieder auf, als man mich in meinen geliebten sicheren Hafen – Zelle Nummer 61 – zurückbrachte. [minha tradução]*

<sup>11</sup> *Wer den Weg durch solche Keller noch nicht gegangen ist, kann sich keine Vorstellung von den psychischen Belastungen machen, denen die Häftlinge ausgesetzt sind, bevor sie von den Vernehmern in die Mache genommen werden. Man muß ihn gegangen sein, um zu begreifen, warum Häftlinge fast immer Geständnisse ablegen. Die meisten tun es sofort oder nach wenigen Tagen. [tradução minha]*

Como podemos constatar na passagem acima, Walter Janka reflete sobre as implicações psicológicas que o cotidiano da prisão e sua topografia acarretam aos prisioneiros. Além da narrativa em terceira pessoa do singular, nota-se também a presentificação do próprio ato de percorrer os corredores da ala de celas nos porões da prisão até atingir as salas de interrogatórios no andar superior. Podemos considerar também que, com a afirmação de que seria necessário ter passado por aquela situação – quer dizer, percorrido o mesmo caminho na situação de prisioneiro – para poder conceber as implicações psicológicas, Walter Janka chama à atenção para a singularidade de seu testemunho.

Além disso, reflexões também podiam ser despertadas não apenas em relação à topografia da prisão, como no caso de Walter Janka, mas também com relação às pessoas que integravam o grupo daqueles que estavam a serviço do regime do SED e mantinham o sistema prisional da RDA em funcionamento. No relato *Lebendig begraben* (“Sepultado vivo”), Horst Fichter (1928\*), preso aos 23 anos de idade por ter criticado o regime do SED, e que esteve detido em Hohenschönhausen no período de junho a setembro de 1952 (FICHTER, 2007, p. 154), reflete sobre as funções das sentinelas e carcereiros ao vigiarem permanentemente os presos:

Os tapetes e passadores grossos diante das celas estavam justamente colocados para que a gente não ouvisse as sentinelas da Stasi, que a cada um ou dois minutos tinham de olhar através do visor na porta das celas. Quando um desses tipos da Stasi, alto e magrelo, estava de serviço, ele sempre se fazia anunciar com o som arrastado de suas botas. Mas que profissão era essa, por horas, dia após dia, olhar através de um visor na porta, para ver se um dos detentos se enforcou, se um prisioneiro não observou a proibição de não se deitar, ou se um teve o “atrevimento” de pegar no sono. Mas que nível intelectual possuem esses guardas miseráveis, o que pensam esses parasitas da Stasi quando vêem essas pessoas torturadas e esfoladas?! (FICHTER, 2007, p. 157<sup>12</sup>).

Os diversos exemplos aqui apresentados com relação aos aspectos que, em nossa leitura dos 24 textos que compõem a obra *Gefangen in Hohenschönhausen*, se revelaram recorrentes – chegada, descrição, condições, interrogatório, tortura, cela, e

---

<sup>12</sup> Die dicken Teppiche und Läufer vor den Zellen waren deshalb ausgelegt, damit man die Stasi-Posten, die alle ein bis zwei Minuten durch das Guckloch in der Zellentür schauen mußten, nicht hören sollte. Wenn so ein großer, hagerer Stasi-Heini Dienst hatte, meldete der sich mit seinen knarrenden Stiefeln immer an. Was war das nur für ein Beruf, stundenlang, tagaus, tagein, durch so einen Türspion zu gucken, ob sich einer der Gefangenen aufgehängt, ob sich ein Häftling verbotenerweise hingelegt hat oder ob einer die „Freiheit“ besitzt und eingeschlafen ist. Was haben diese erbärmlichen Aufpasser nur für ein geistiges Niveau, was denken diese Stasi-Parasiten, wenn sie diese gequälten, geschundenen Menschen sehen?! [minha tradução]

reflexão – foram extraídos de textos que se apresentam como relatos de testemunho *stricto sensu*. As marcações textuais passam pela questão da autoria e da construção do foco narrativo, em que aquele que esteve preso se instaura como um “eu” (*ich*) ao falar de si e da carga psicológica a qual fora exposto, mas que às vezes muda para a primeira pessoa do plural “nós” (*wir*) ao narrar sobre algo da ordem do coletivo dentro da prisão, e também para a terceira pessoa do singular (*er, es, sie*), ao simular objetividade em descrições ou mesmo ao narrar sobre terceiros. Cabe lembrar que os 24 textos contam com um elemento paratextual que informa o leitor sobre cada autor, logo abaixo do título do texto, em texto destacado em itálico: nome; ano de nascimento e, se for o caso, de falecimento; idade no momento da detenção; profissão; motivo alegado para a detenção; período em que esteve recluso na prisão de Hohenschönhausen, como nos dois exemplos a seguir:

*Walter Pritzkow (1924-2004) era estudante e ingressou em agosto de 1945, aos 21 anos de idade, no Campo Especial soviético, por “porte de arma” (PRITZKOW, 2007, p. 23<sup>13</sup>). [grifo original]*

*Karl Wilhelm Fricke (1929\*) era jornalista e, após seu sequestro em Berlim Ocidental, esteve na prisão de averiguação do Serviço de Segurança do Estado de abril de 1955 a junho de 1956 (FRICKE, 2007, p. 16414). [grifo no original]*

Paratextos desse tipo estabelecem relações com os textos, como não poderia deixar de ser, e, de certo modo, condicionam a leitura no sentido de que, ao longo do texto, ocorrem passagens que não só ratificam o conteúdo do paratexto, como também esclarecem mais detalhadamente as informações apresentadas apenas de modo sucinto. Além disso, o livro *Gefangen in Hohenschönhausen* inclui, ao final, uma seção intitulada “Die Autoren” (“Os autores”), contendo informações detalhadas de cada um deles (KNABE, 2007, p. 366-376).

### Considerações finais

O estudo desenvolvido sobre o testemunho da repressão e da violência na República Democrática Alemã, documentado na obra *Gegangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten*, permitiu-nos alcançar os seguintes objetivos: estudar as especificidades dos órgãos de repressão e encarceramento na RDA; estudar a

<sup>13</sup> *Walter Pritzkow (1924-2004) war Student und kam im Augsut 1945 mit 21 Jahren wegen “Waffenbesitz” in das sowjetische Speziallager. [minha tradução]*

enunciação e a constituição discursiva dos relatos de testemunho; estudar aspectos que revelavam na própria linguagem a vivência de eventos traumáticos, inscritos na própria enunciação.

Através do estudo de textos memorialísticos e autobiográficos, cujos autores, na maioria, perseguidos e ex-presos políticos, relatam sobre suas vivências sob o regime totalitário do SED – *Sozialistische Einheitspartei Deutschlands* (Partido Socialista Unitário da Alemanha), pudemos vislumbrar as diversas formas e fases da violência praticada pelo Estado contra possíveis dissidentes políticos na República Democrática Alemã.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha. Homo Sacer III*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- BECKER, Hermann. Im Karzer. In: KNABE, Hubertus (Org.). *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten*. 2. ed., Berlin: List, 2007, p. 68-78.
- ERLER, Peter; KNABE, Hubertus. *Der verbotene Stadtteil: Stasi-Sperrbezirk Berlin-Hohenschönhausen*. 3. ed., Berlin: Jaron-Verlag, 2008.
- FRICKE, Karl Wilhelm. *Die Technik der psychologischen Einkreisung*. In: KNABE, Hubertus (Org.). *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten*. 2. ed., Berlin: List, 2007, p. 164-173.
- JANKA, Walter. *Das Kellergefängnis*. In: KNABE, Hubertus (Org.). *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten*. 2. ed., Berlin: List, 2007, p. 174-191.
- JÜRGS, Michael; ELIS, Angela. *Typisch Ossi – Typisch Wessi. Eine längst fällige Abrechnung unter Brüdern und Schwestern*. München: Goldmann, 2006.
- KLIER, Freya. *Tagebuch einer Haft*. In: KNABE, Hubertus (Org.). *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten*. 2. ed., Berlin: List, 2007, p. 334-347.
- KNABE, Hubertus. *Die Autoren*. In: KNABE, Hubertus (Org.). *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten*. 2. ed., Berlin: List, 2007, p. 366-376.
- KNABE, Hubertus. *Einführung*. In: KNABE, Hubertus (Org.). *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten*. 2. ed., Berlin: List, 2007, p. 7-19.
- KNABE, Hubertus (Org.). *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten*. 2. ed., Berlin: List, 2007.
- KRÜGER, Waltraud. *Im Haftkrankenhaus*. In: KNABE, Hubertus (Org.). *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten*. 2. ed., Berlin: List, 2007, p. 303-317.
- PAUL, Sigrid. *Mauer durchs Herz*. In: KNABE, Hubertus (Org.). *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten*. 2. ed., Berlin: List, 2007, p. 236-247.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, Rio de Janeiro, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf>; Acesso em: 08 jul. 2009.

PRITZKOW, Walter. *Die Einlieferung*. In: KNABE, Hubertus (Org.). *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten*. 2. ed., Berlin: List, 2007, p. 23-36.

SCHULZ-LADEGAST, Klaus. *Ein Schachspiel mit ungleichen Figuren*. In: KNABE, Hubertus (Org.). *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten*. 2. ed., Berlin: List, 2007, p. 216-227.

SPERLING, Fritz. *Opfere Dich für die Partei!*. KNABE, Hubertus (Org.). *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten*. 2. ed., Berlin: List, 2007, p. 147-153.

WALLACH, Erica. *Ein Grab voller Erinnerungen*. In: KNABE, Hubertus (Org.). *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten*. 2. ed., Berlin: List, 2007, p. 130-146.

WEND, Arno. *Das Verhör*. In: KNABE, Hubertus (Org.). *Gefangen in Hohenschönhausen. Stasi-Häftlinge berichten*. 2. ed., Berlin: List, 2007, p. 79-87.